



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GÊNERO E SEXUALIDADE SOB A ÓTICA DOS FUTUROS DOCENTES DO CURSO DE HISTÓRIA DA UFRN

Arthur Gabriel Frazão Bezerra Alves¹; Rayanny Sillvana Silva do Nascimento².

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: arthurfrazob@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: rayannyssnascimento@outlook.com

Resumo

Este artigo tem como proposta a reflexão sobre a formação docente e a sua relação com a capacitação para um ensino que promova relações iguais na educação básica, particularmente nas questões de gênero e diversidade sexual. As reflexões estão pautadas em discussões bibliográficas e pesquisas de campo com os próprios docentes em formação, em especial, na área da História. Irreversivelmente, os debates acerca das questões de gênero e da sexualidade adentram no espaço escolar, promovidos, mesmo que de forma superficial, pelos diversos meios de comunicação. Investigar, debater e refletir sobre este tema, se torna cada vez mais necessário no ambiente acadêmico de formação dos futuros docentes. Apesar dos avanços nas discussões, ainda existe uma clara precariedade da inclusão da discussão de gênero e sexualidade na formação dos profissionais da educação, iniciado pela construção dos currículos, os quais colocam esta discussão em disciplinas optativas. Destarte, pensar sexo, gênero e raça como política é uma questão imprescindível na formação docente, da mesma forma como a nossa postura diante desses temas.

Palavras chave: Docência. História. Gênero. Sexualidade.

Introdução

A ampliação dos debates sobre diversidade sexual e de gênero nos variados âmbitos da sociedade, seja através de novelas, do cinema, da publicidade, dos programas de auditório para jovens, das revistas voltadas para o público adolescente etc., tem trazido a tona um dos grandes problemas históricos do Brasil: o sexismo. Fatos como esses, aliados as informações vinculadas nas redes sociais em velocidade jamais vista, tem forçado a escolar a debater o tema, trazido na maioria das vezes pelos próprios discentes. Entretanto, estas ampliações dos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

debates midiáticos não refletem, necessariamente, na redução dos sintomas do sexismo e da homofobia, por serem em sua maioria, discussões superficiais, que não trabalham a diversidade de gênero de forma reflexiva. Se por um lado, assuntos ligados a diversidade sexual estão cada vez mais em evidência, obrigando a escola a rever padrões normativos que produzem a sexualidade das/dos estudantes, movimentos conservadores tentam por outro viés, barrar os avanços e conquistas das minorias.

No cenário brasileiro, o debate a diversidade sexual e de gênero no espaço acadêmico, esteve restrito durante muito tempo as áreas da Psicologia, Sociologia e da Crítica Literária, não sendo objeto de estudo dos campos da educação (DINIS, 2008). A partir de trabalhos da década de 1990, como o da pesquisadora Guacira Lopes Louro, que denunciavam a exclusão das minorias de gênero na história da educação, começam a surgir novas pesquisas com os temas de gênero e sexualidade relacionados à educação.

Apesar dos avanços no campo educacional, percebemos que a discussão de gênero e minorias sexuais ainda não está presente de forma clara nos Parâmetros Curriculares Nacionais, documento que norteia ações educacionais no ensino básico. Ainda que estes destaquem a necessidade de trabalhar a sexualidade como tema transversal, não há nenhuma menção específica, em relação à homoafetividade, por exemplo. Nos objetivos, fala-se apenas quanto a “reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a elas associadas” (BRASIL, 1997), sem referencia objetiva a discriminação contra as diversidades sexuais LGBTTT no espaço escolar, cabendo ao docente a interpretação da necessidade de inclusão do tema, já que o documento norteador menciona apenas as representações sociais do masculino e do feminino.

No momento histórico em que se fala em educar para o respeito às diferenças, com base principal nos PCN's das Ciências Humanas e suas tecnologias, que afirmam ser fundamental o “reconhecimento das diferenças e imediatamente a aceitação delas, construindo-se uma relação de respeito e convivência, que rejeita toda forma de preconceito,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

discriminação e exclusão” (BRASIL, 2000), vivemos à realidade da intolerância, que reflete diretamente no espaço da vida privada, o que dificulta a liberdade de relação com o outro. Temas como gênero e sexualidade devem transcender as barreiras do preconceito, e a escola tem papel fundamental na construção de uma sociedade cada vez mais igualitária, pois é por ela que passam grande parte dos agentes sociais do futuro.

As temáticas oriundas das discussões de gênero na escola de ensino básico perpassam de maneira significativa pela formação do profissional da educação que irá atuar diante deste público. Para tanto, é imprescindível compreender como os futuros docentes entendem o seu papel enquanto educadores, em uma sociedade extremamente dinâmica e diariamente mutável. Abordar questões ligadas ao gênero exige do profissional da educação um preparo prévio, mas como isso está ocorrendo? Nossos futuros docentes estão sendo preparados para discutir gênero e sexualidade na sala de aula? Este trabalho propõe um estudo de caso a respeito da formação dos docentes em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, buscando a compreensão e a análise de dados acerca da discussão acadêmica que existe durante o curso, e a visão dos futuros docentes sobre a importância desta discussão nas salas de aula do ensino básico.

Compreender que as transformações das formas e estilos de vida são inerentes a história e à cultura, é indispensável para o profissional da história o entendimento do seu papel enquanto agente da educação. A prévia problematização dos temas de gênero e sexualidade no meio acadêmico é fundamental para esta finalidade, justificando ações como a proposta deste trabalho. Cada vez mais perturbadora, essas mudanças passaram a dinamizar setores que por muito tempo, foram considerados como imutáveis, trans-históricos e universais (LOURO, 2008).

Metodologia



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Para este trabalho, além da análise bibliográfica referente às questões de gênero, sexualidade e educação, será utilizado a pesquisa de campo, por meio da entrevista semiestruturada em busca das opiniões dos futuros docentes em história da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com a finalidade de sondar seus diversos pontos de vista sobre a forma de se trabalhar a temática de gênero na sala de aula, e como esta discussão está ocorrendo no âmbito acadêmico que eles vivenciam na universidade. A entrevista semiestruturada buscou informações sobre a visão da discussão de gênero e sexualidade, nos diversos períodos do curso de história, bem como a intenção dos futuros docentes em trabalhar este tema junto ao ensino básico.

Foi utilizada a pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, realizada com 50 alunos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o instrumento de coleta de dados, em campo, utilizou-se a entrevista semiestruturada. A escolha desse universo de pesquisa baseou-se nos critérios de saturação (CHERQUES, 2009) com o objetivo de verificar, dentre todas as técnicas de interrogação, a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Posteriormente foi realizada a tabulação dos dados e a sua conversão para percentuais, e por fim, a construção de alguns gráficos para representar os resultados com fácil visualização.

Salienta-se que a entrevista foi distribuída aleatoriamente nos diversos períodos do curso, para a obtenção de variados pontos de vista no decorrer da graduação. Percebemos através dos dados, a dificuldade desses profissionais em identificar métodos e técnicas para ampliar o debate sobre o tema, mesmo que haja vontade para sua efetivação. Isso é reflexo de uma política defasada de apoio ao debate do tema em sala de aula, iniciado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e se expandindo para prática docente, voltada para as relações heterossexuais como padrão intocável. Estes parâmetros (PCNs) também serão objeto de análise deste trabalho, tendo em vista a sua importância no cenário escolar.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Resultados e Discussão

Não é incomum observar nas escolas de ensino básico, docentes e discentes com discursos carregados de preconceito e homofobia, principalmente voltados para o feminino. Essa cultura se inicia principalmente, na vida privada e é transferida para os ambientes coletivos, como a escola. Muito se deve a falta de discussão do assunto, já que existe a incorporação de esquemas inconscientes de percepção, onde a construção das estruturas históricas da ordem masculina prevalece. Ao tratar deste assunto, Pierre Bourdieu (2003) demonstra que a divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, camuflada em uma naturalidade, a ponto de se tornar invisível. Ela está presente no cotidiano da sociedade, como por exemplo, na casa, onde os ambientes são sexualmente divididos.

Essa ordem transcende também, as fronteiras residências e passa para vida pública, alimentando significativamente, os preconceitos e violências de gênero. Isso ocorre, pois a força da ordem masculina evidencia-se no fato dela dispensar justificção. A própria ordem social funciona como uma máquina simbólica, que ratifica a dominação masculina. A divisão do trabalho, por exemplo, restringe as atividades por gênero: o *masculino* trabalho fora de casa e o *feminino* exerce as atividades domésticas (BOURDIEU, 2003). Tais realidades ajudam a fomentar os problemas sociais decorrentes das falta de discussão do tema, principalmente nas escolas. A instituição, como espaço de amplo aprendizado, deve ser um local de reflexão, principalmente quando estas estão ligadas a situações cotidianas. Nesse processo, o docente deve identificar a linha divisória entre aquilo que é privado, íntimo e aquilo que pertence à discussão coletiva.

De acordo com Guacira Lauro (1997), o processo de “fabricação” dos sujeitos é continuado e ocorre de forma sutil. O olhar do educador deve estar voltado para as práticas consideradas banais no meio escolar. Pois são as práticas rotineiras e comuns, os gestos e termos banalizados que precisam se tornar os alvos de reflexão e de questionamento. A empreitada mais urgente talvez seja desconfiar daquilo que é tomado como natural. O combate



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

à naturalização das formas de segregação deve ser um esforço coletivo, partindo desde as séries iniciais até o ensino médio.

A temática da diversidade sexual e de gênero esteve historicamente ausente da área da Educação, e para entendê-la, podemos recorrer às análises de Jorge Larrosa (1994). De acordo com o autor, existe uma persistência na educação de proposições essencialistas e cristalizadas para refletir sobre a identidade, que é possível pensar para a análise de gênero. A educação foi pensada por uma concepção do sujeito com base em teorias herdadas da Psicologia da Aprendizagem e da Psicologia do Desenvolvimento, particularmente por uma leitura do darwinismo evolutivo, a qual está repleta de descrições normativas e naturalizadas, com a legitimação da Biologia. Dessa forma, o olhar sobre a diversidade foi sistematizado e ordenado de forma hierárquica. Entretanto, segundo Larrosa (apud: DINIS, 2008):

O sujeito individual descrito pelas diferentes psicologias da educação ou da clínica, esse sujeito que se desenvolve de forma natural sua autoconsciência nas práticas pedagógicas, ou que recupera sua verdadeira consciência de si com a ajuda das práticas terapêuticas, não pode ser tomado como um dado não problemático. Mais ainda, não é algo que se possa analisar independentemente desses discursos e dessas práticas, posto que é aí, na articulação complexa de discursos e práticas (pedagógico e/ou terapêuticos, entre outros), que ele se constitui no que é.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são exemplos práticos desse olhar psicologizante sobre o sujeito educacional, influenciado diretamente pelo modelo construtivista, o que traz consequências conservadoras para o discurso da educação. Isso reflete diretamente na realidade educacional e na restrição, durante um longo período, de reflexões acerca de gênero e sexualidade nas salas de aula.

Em relação ao ensino de História na educação básica, entende-se que este é fundamental para formação de sujeitos críticos, capazes de refletir sobre a sociedade com suas múltiplas dinâmicas. Entre as expectativas de habilidades desenvolvidas, valoriza-se a capacidade dos indivíduos de realizar leituras sobre a sua realidade, de se orientar no tempo, considerando as relações sociais do presente a partir da compreensão do passado. Nesta



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

disciplina, existe o peso da pouca importância atribuída pelas crianças e jovens, relatada por pesquisas nacionais e internacionais, por ser vista como algo que habita o passado, e que trata de datas e fatos distantes da sua realidade (LEE, 2006). Por esta razão, um dos grandes desafios do ensino de História é ir além da característica elitista, baseada em sequências de informações factuais e cronológicas, tornando o aprendizado significativo para o aluno.

Buscando a compreensão dessas problemáticas em relação a formação dos docentes, coletamos informações dos futuros professores, especificamente da área de história, formados pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com a finalidade de analisar as suas visões acerca da problematização das questões de gênero e sexualidade na sala de aula. Com esta proposta, pretendemos contribuir para um ensino de História que possa ser usado para a construção de formas de pensar mundo, para que as relações entre os sujeitos sejam mais plurais e pautadas no respeito às diferenças. Para além das questões étnico-raciais, a proposta tem como objetivo aprofundar os aspectos históricos da divisão do trabalho, que aumentaram significativamente as desigualdades entre homens e mulheres, bem como os aspectos relacionados à história das mulheres e as relações de gênero e sexualidades, buscando o combate a homofobia e às demais violências sexuais e de gênero que ocorrem diariamente na sociedade (DA SILVA; ROSSATO; OLIVEIRA, 2013).

De posse dessas análises e da realidade vivenciada tanto na educação básica, quanto no ensino superior, foram recolhidos uma série de dados através de um questionário de sondagem, aplicado nos vários períodos do curso de licenciatura em História, para 50 alunos, com a finalidade entender como esses profissionais estão sendo preparados para discutir questões de gênero na sala de aula. Um dos dados que chamou a atenção, foi que 80% dos alunos questionados, jamais tiveram a oportunidade de discutir a temática de gênero e sexualidade; em detrimento a porcentagem de alunos que considera importante a inserção deste debate no meio acadêmico, como mostra o gráfico a seguir:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES



Gráfico 01 – Você acha importante a discussão gênero e sexualidade durante a graduação?
Fonte: Autoria Própria, 2015

De acordo com estas informações, é possível perceber a disparidade dos dados entre os alunos que já se envolveram em discussões a respeito do tema, e aqueles que admitem ser importante trabalhar este assunto durante a graduação. De fato, a falta de abordagens práticas inibe futuras discussões sobre o tema na sala de aula, mesmo que os docentes tenham interesse em trabalhar questões de gênero e sexualidade com seus alunos. Embora muitas vezes, durante a graduação, pensemos que a formação dos discentes possa ser resumida a um conjunto de conhecimentos que são transmitidos a esses sujeitos, não adotamos a postura de problematização acerca do nosso próprio “fazer” enquanto profissionais da educação, não refletindo sobre a importância de incluir as minorias sexuais nas discussões acadêmicas.

Outro dado que chamou a atenção, foi que 85% dos discentes que preencheram os questionários, se colocaram a disposição para participar de cursos cujo tema abordasse a diversidade sexual de gênero. Essa estatística é importante para se pensar a inclusão desta temática nas disciplinas educação, propriamente nas licenciaturas. Não pretendemos sinalizar uma visão simplista, se tais organizações curriculares estão certas ou erradas; entretanto, defendemos que a inclusão do debate sobre a diversidade sexual e gênero, ganhe cada vez mais espaço nas graduações, em especial, nas licenciaturas, pois são esses profissionais que serão responsáveis pelo trabalho junto as novas gerações.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Uma das grandes problemáticas observadas na pesquisa foi à falta de unidade presente nas respostas dos futuros professores, quando indagados sobre “*Quais ações você acha que ajudaria ao combate das diferenças de gênero?*”. Foram dadas três lacunas para o preenchimento:



Gráfico 02 – Quais ações você acha que ajudaria ao combate das diferenças de gênero?
Fonte: Autoria Própria, 2015

Esses dados reforçam a tese de que existe o interesse dos discentes em realizar discussões sobre gênero e sexualidade durante a graduação, mas que isso não está acontecendo na prática, tendo em vista as respostas superficiais que foram dadas à pergunta. Outro contraste referente a pesquisa, foi que 90% dos entrevistados acreditam que o ensino básico, na disciplina de História, devem ser abordadas questões de gênero, como a evolução dos direitos das mulheres e a ampliação do movimento feminista.

Os currículos de formação, majoritariamente, não têm capacitado os docentes para lidar com os variados tipos de preconceitos e discriminações presentes na realidade escolar. O que sabemos é que essas discussões devem ser ampliadas no âmbito acadêmico, de forma a tocar os futuros profissionais que irão atuar na educação. Não podemos negar os avanços destas discussões e os seus benefícios para sociedade, entretanto, este desafio ainda possui muitas barreiras que buscaremos superar no decorrer do tempo. Afinal, como a escola nos produz como sujeitos reflexivos? O que é ensinado sobre o corpo, sexualidade e colocações



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

normativas dos sujeitos, quando ensinamos história? O ensino de história pode ser construído de acordo com uma perspectiva feminista?

Pensar essas questões é o exercício que está sendo proposto para os docentes em formação, pois acreditamos que esta prática faça parte do ofício do educador. Entretanto, sabe-se da impossibilidade de haver uma resposta clara e objetiva para estas questões, não apenas pelo limite imposto pelo texto, mas também porque, em determinados momentos, as respostas não convêm. Nem sempre, perguntas necessitam de respostas, mas de reflexões. Driblar o desejo de formular respostas estáticas sobre a formação e atuação do docente para a educação em gênero e diversidade sexual na escola, é uma forma de pensar melhor o nosso trabalho e as práticas relacionadas à formação dos profissionais da educação de maneira geral, e particularmente ao ensino de História.

Conclusão

Empreender, no campo da educação, estudos sobre as questões de gênero e sexualidade, demanda do pesquisador um olhar apurado sobre a realidade do cotidiano escolar. A ausência deste tema no currículo de formação do professor faz com que muitos profissionais optem pela abordagem de temas “menos” polêmicos nas salas aula, tanto no ensino básico, quanto no ensino superior. Outra dificuldade, diz respeito à forma como as discussões são encaminhadas no âmbito dos cursos de licenciatura, na maioria das vezes em disciplinas optativas/complementares, restringindo a discussão, muitas vezes, as pessoas que já tem familiaridade com o tema. Dessa forma, gênero e sexualidade não são incorporados aos conteúdos válidos no ensino de História.

Essas questões reforçam a necessidade de se investir em um currículo de formação de professores, com a finalidade de exaltar relações pautadas no respeito às diferenças (DA SILVA; ROSSATO; OLIVEIRA, 2013). Utilizando o pensamento de Rüsen (2009) docentes capazes de transformar o ensino de História em uma ferramenta cultural, que traga



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

contribuições para superação da dominação, do exclusivismo e da avaliação desigual, utilizando conceitos de identidade .

Rotineiramente, observamos e debatemos as dificuldades enfrentadas pelas escolas, em lidar com o tema das diversidades, por mais que este seja um ambiente extremamente plural. Mesmo com as dificuldades enfrentadas, há avanços, e acreditamos que iniciativas que problematizem as questões das desigualdades sexuais e de gênero no ensino básico, podem contribuir para se perceber as dinâmicas hierarquizadas da sociedade atual. Perceber essas práticas e os mecanismos que as constituem, é o passo inicial para que possamos repensá-las e mudá-las, de acordo com os parâmetros da igualdade entre os gêneros.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC/SEF, 2000.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **SciELO**, Campinas, v. 29, n. 103, ago. 2008.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literária histórica. Dossiê: educação histórica. **Educar em Revista**, n. especial, p.131-150, 2006.

LAURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós estruturalista. 6. ed. Petrópoles, Rj: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **SciELO**, v. 19, n. 2, ago. 2008.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **Revista História da Historiografia**, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.

SILVA, Cristiani Bereta da; ROSSATO, Luciana; OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. A formação docente em história: Igualdade de gênero e diversidade. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p.453-465, Dezembro de 2013.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Pmkt**, v. 3, p.20-28, out. 2009